

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Denise Jodelet (Org.)

Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 2001, 420 p.

Por Luciana Patrícia Zucco¹

As Ciências Humanas e Sociais se ocupam de se aproximar do real para descrevê-lo, analisá-lo e explicá-lo, com a intenção de produzir conhecimento, desvendar a realidade, e, em alguns casos, responder e superar os problemas inerentes à vida em sociedade. Essa tentativa de reconstrução da realidade é feita através de pólos epistêmicos distintos, operacionalizados por diferentes teorias, que garantem princípios, métodos e condutas próprias de apreensão dos fenômenos ocorridos nas relações sociais.

A teoria das Representações Sociais é paradigmática no campo da produção de conhecimento e tem como origem a sociologia nascente do final do século XIX, com Durkheim. Instigante e polêmica no âmbito das Ciências Sociais, devido à sua base epistemológica ser, no seu nascedouro, pautada no positivismo, a teoria das Representações Sociais é sistematizada como corpo teórico e metodológico nos anos 60, na França. Seu fundador, Serge Moscovici, retoma a noção de representação coletiva, elaborada por Durkheim, e a desenvolve, no âmbito da Psicologia Social, numa perspectiva de superação das bases positivistas até então dominantes.

O processo de renovação da ideação coletiva teve por objetivo a interpretação da relação estabelecida do indivíduo com a sociedade e com outros indivíduos, na medida em que as Representações Sociais orientariam e organizariam as ações e comunicações sociais. Esse movimento de reestruturação possibilitou resgatar, em outros marcos teóricos, o conceito de representação coletiva - desconsiderado pelas disciplinas sociais e por pesquisadores, exceto por um número reduzido de historiadores - e conformar um corpo teórico preocupado em responder às questões teórico-práticas que emergem ao se viver em sociedade.

¹ Mestra em Serviço Social pela PUC-RIO e Doutoranda do Programa de Pós Graduação da FIOCRUZ.

As Representações Sociais se constituem em forma de saber, que busca a compreensão das relações sociais nas diferentes sociedades, uma "(...) *forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social*" (Jodelet, 2001:22). Entendida como saber proveniente do senso comum, logo, ingênuo ou natural, implicaria em considerar a interação das formas cognitivas e da estruturação do aparelho psíquico com o funcionamento dos grupos e do sistema social. Segundo a psicologia social, as Representações Sociais permitiriam a apreensão do universo psíquico próprio dos sujeitos singulares e da sua inserção no conjunto social.

Os progressos da Psicologia Cognitiva contribuíram para a difusão da noção das Representações Sociais e, posteriormente, para sua confluência com os trabalhos realizados pela Sociologia e Antropologia, cuja contribuição foi significativa para a expansão da teoria das Representações no interior das Ciências Sociais. Essa trajetória levou a desdobramentos, na Europa como um todo, da teoria original de Moscovici em três correntes teóricas complementares, que apresentam perspectivas associadas à etnografia (Denise Jodelet), à sociologia (Willem Doise) e à psicologia social, que enfatiza a dimensão cognitivo-estrutural (Jean-Claude Abric, Claude Flament e Pierre Vergès).

Cada perspectiva operou a teoria das Representações Sociais segundo a sua área de conhecimento, estabelecendo uma interlocução com a Psicologia Social e, de alguma forma, a convergência em torno das Ciências Psicológicas e Sociais, além de caracterizar campos específicos de pesquisa e de aplicação. Esse diálogo entre diferentes correntes teóricas e de pesquisa aponta para a riqueza da abordagem das Representações Sociais sobre os fenômenos representativos e revela a complexidade que essa teoria enfrenta para abordar a realidade social, pois sua aproximação se dá a partir de distintos ângulos e prismas.

Dentre o conjunto de autores que contribuíram para a disseminação e reconhecimento do campo teórico das Representações Sociais, destaca-se Denise Jodelet que, incansavelmente, vem sistematizando o desenvolvimento desse campo de estudos. O livro *As Representações Sociais*, por ela organizado, foi lançado na França em 1989 e traduzido para o português em 2001, pela Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, constituindo uma "pequena" parte da materialização do trabalho da pesquisadora. Imensa é a importância dessa obra para os pesquisadores brasileiros, estudiosos e interessados na área das Representações Sociais, que não tinham acesso ao seu conteúdo.

Jodelet organiza uma obra vasta, ao mesmo tempo densa e acessível, inclusive ao leitor iniciante no campo de estudo das Representações Sociais. Reúne textos de autores que pensam sobre as diferentes dimensões dessa teoria, compreendendo discussões de origem epistemológica e abordagens em áreas de pesquisa distintas no âmbito das Ciências Humanas e Sociais e de práticas específicas. Traz o desenvolvimento histórico da noção e a sua aplicabilidade, num trabalho de síntese e de exploração que, paralelamente, informa e avalia o percurso das Representações Sociais como campo de conhecimento científico.

Essa estruturação permite expor os balanços e críticas voltados à teoria das Representações Sociais que, segundo Jodelet (2001: 13), “darão à pesquisa um novo impulso”. Entende-se que, dentre as inúmeras contribuições dessa obra, é justamente nesse aspecto que reside seu mérito, pois a interlocução interdisciplinar é inerente à sua constituição.

A amplitude e diversidade dos trabalhos e das pesquisas apresentados, principalmente provenientes do continente europeu, demonstram a importância da teoria das Representações na produção de conhecimento teórico sobre a sociedade, revelando também o seu caráter prático, ao direcionar o conhecimento para a compreensão da ação e da interação com o mundo. Os textos reunidos explicitam, ainda, a lógica do modelo das Representações Sociais, bem como os seus pressupostos teóricos e metodológicos, para apreender essa modalidade de pensamento cuja especificidade vem de seu caráter social.

Essa coletânea de artigos, além de manter-se atual como em 1989, tornou-se um clássico para a compreensão da noção de Representações Sociais e de sua aplicabilidade. Sua contribuição para os estudos brasileiros ocorre de duas maneiras: uma, subjetiva, por partilhar com o leitor a produção de um domínio do conhecimento em construção, seus desafios e obstáculos. Outra, social, de produção de conhecimento, por levar o leitor a imergir numa interlocução interdisciplinar e despertá-lo para produções que pensam o cotidiano a partir do simbólico e do saber do senso comum, integrando-o nesse processo histórico-científico de consolidação da teoria no Brasil.

A obra se estrutura em três grandes partes, abrangendo ao todo dezenove artigos. O prefácio à edição é realizado por Celso Pereira de Sá, que aponta a sua contribuição para a produção brasileira, ao socializá-la. No transcorrer da leitura, é possível identificar uma vastíssima referência bibliográfica, através dos artigos, além de ser oferecida ao leitor uma *Bibliografia Geral sobre as Representações Sociais*, realizada por

Denise Jodelet e Jocelyne Ohana, que indica a sua consolidação como corpo de conhecimentos.

A primeira parte do livro, diz respeito *Às Representações no Campo das Ciências Humanas*, onde é possível visualizar a extensão desse campo de estudos, os seus postulados centrais e a sua história. Destacam-se, nesta parte, as reflexões de Denise Jodelet (capítulo 1) e de Serge Moscovici (capítulo 2), ao demonstrarem a constituição das Representações Sociais como área de conhecimento científico, tendo como marco inicial a Psicologia Social.

No primeiro capítulo intitulado *Representações sociais: um domínio em expansão*, Jodelet, compreende como objeto das Representações Sociais os fenômenos observáveis na realidade que fazem parte do cotidiano das pessoas. Estes podem ser observados diretamente, constituindo um universo simbólico materializado pelo conhecimento do senso comum, ou reconstruídos pelo trabalho científico através de um sistema de interpretação, que levaria em consideração o funcionamento cognitivo e o funcionamento do sistema social, dos grupos e das interações.

A autora afirma que as Representações Sociais são uma forma de saber prático ligando um sujeito a um objeto. Para sustentar tal argumentação, a autora desenvolve um quadro-síntese sobre o espaço de estudos das Representações Sociais, onde inventaria as condições de produção e circulação destas, seus processos e estados e o seu estatuto epistemológico. Sua intenção é de deixar claro: “*Quem sabe e de onde sabe? O que e como sabe? Sobre o que sabe e com que efeitos?*”.

Essa estruturação baliza o espaço de estudos, que Jodelet entende como multidimensional, em função da multiplicidade das perspectivas que se aproximaram das Representações Sociais e que deram ênfase à análise de aspectos específicos dos fenômenos representativos. Sem a pretensão de sintetizar aqui todo o pensamento da autora, destaca-se a sua afirmação sobre a necessidade de conhecer todos os processos de formação das representações e explicar sua estruturação. Isto incluiria a análise dos processos de objetivação e de ancoragem, como propõem Moscovici e outros autores, instrumentalizando o pesquisador para estudar as Representações Sociais. A autora finaliza seu texto reafirmando a contribuição das diferentes perceptivas de pesquisa para a teoria das Representações e sinaliza a necessidade desses “territórios autônomos” aprofundarem as reflexões decorrentes da interface do psicológico e do social.

No segundo capítulo, intitulado *Das representações coletivas às representações sociais*: elementos para uma história, Moscovici apresenta como ocorreu o processo de construção do campo teórico das representações sociais. Para tanto, o autor se reporta ao pensamento de Weber, que descreve um saber comum como quadro de referência da ação dos indivíduos, e ao pensamento de Durkheim, que institui o conceito de representações coletivas a partir da leitura desse saber comum.

Moscovici esboça a compreensão de Durkheim sobre a oposição indivíduo-sociedade, logo, sobre como se estabelece a interação consciência-objetividade. A discussão está centrada em como se constituem e como se apreende os fenômenos representacionais, o que coloca em tela a constituição das representações individuais e coletivas, bem como suas interações, além de situar como o grupo se percebe nas suas relações com os objetos que o afetam.

Para Durkheim, segundo Moscovici, o indivíduo é pressionado pelas representações dominantes presentes na sociedade, e uma vez formadas, as representações coletivas têm autonomia e homogeneidade, transformando-se mediante suas próprias regras. As representações coletivas estão associadas a lógicas e refletem a experiência do real, podendo-se explicar os fenômenos sociais a partir delas e das ações por elas geradas. Logo, o pensamento coletivo deve ser estudado em si e para si mesmo, o que faria das formas e do conteúdo das representações um domínio à parte e demonstraria a autonomia do social. O indivíduo é concebido como produto das instituições sociais e das práticas que lhes são próprias, que exercem sobre ele uma influência. Contudo, Moscovici sinaliza que grande parte dessas aplicações se relacionam às sociedades ditas primitivas.

O autor recupera a noção de representações coletivas e desenvolve sobre ela um debate epistemológico, estabelecendo interlocução com autores como Lévy-Bruhl, Piaget e Freud. Demonstra como esses pensadores se apropriaram das representações coletivas e como mantiveram e superaram os pressupostos fundados por Durkheim acerca da relação sujeito-objeto-coletividade, constituída por imagens, símbolos e representações, que dão forma aos saberes de uma sociedade. Esclarece que as aproximações dos diferentes campos de conhecimento à noção de representações coletivas, no âmbito das ciências humanas e sociais, têm como centralidade o binômio indivíduo-sociedade.

O autor chama a atenção do leitor para a matéria prima dos estudos de Freud e Piaget - o senso comum - e para como ele próprio elaborou o campo de conhecimento das representações sociais, segundo essa

forma de saber. Reafirma a riqueza das representações para o entendimento do conhecimento prático em sociedade e reconhece o desafio que foi renovar o interesse pela ideação coletiva e pela linguagem das representações, em um momento em que referir-se a Durkheim era, no mínimo, extemporâneo no contexto das ciências humanas e sociais. O autor atribui à psicologia essa tarefa e afirma que tal projeto teve consistência com os seus avanços como disciplina.

A psicologia social, diferentemente da psicologia infantil e clínica e da antropologia, se depara com a revolução provocada pelos meios de comunicação de massa e a difusão dos saberes científicos e técnicos, a fim de tornar os seus sentidos compreensíveis. Esses conhecimentos transformam e criam conteúdos novos com a finalidade de moldar a visão e constituir a realidade na qual se vive. A psicologia infantil e a antropologia se atêm a uma comparação e a uma procedência das formas cognitivas; já a psicologia social se preocupa em apreender o movimento contrário, produzido sob o efeito das massas ou no curso da comunicação. Tal especificidade lhe permite, por sua circulação, mudanças que a fazem alterar o conteúdo e a estrutura, dando origem a uma nova estruturação. Esta é, no sentido estrito da palavra uma representação, concomitantemente abstrata e figurada, pensada e concreta.

Moscovici afirma que a noção de representação coletiva cede lugar à de representações sociais, devido à necessidade de se considerar que estas são construídas e adquiridas, bem como elaboradas no curso de processos de troca e de interações. Diferentemente, a visão clássica valorizava o substrato, entendendo as representações como algo preestabelecido e estático.

“(...) era preciso considerar uma certa diversidade de origem, tanto nos indivíduos quanto nos grupos. (...) era necessário deslocar a ênfase sobre a comunicação que permite aos sentimentos e aos indivíduos convergirem; de modo que algo individual pode tornar-se social ou vice-versa”. (p. 62).

Trata-se de compreender a vida social em vias de se fazer. Nesse sentido, idéias e imagens são criadas e transmitidas como produto de uma divisão do trabalho, progressivamente elaborado em inúmeros lugares, segundo regras variadas. Este fenômeno é denominado pelo autor de representações sociais. O saber gerado e comunicado torna-se parte da vida coletiva e, comumente, aponta soluções para problemas sociais ou explicações para os eventos, sendo este saber de interesse para os estudiosos das representações sociais.

Para Moscovici, o objeto de exploração da psicologia social engloba todas as representações, não importando a sua origem. Tal fato é observado no desenvolvimento e multiplicação de pesquisas em muitos países, o que permite transferir para a sociedade moderna uma noção antes reservada às sociedades tradicionais. O autor finaliza o texto chamando a atenção do leitor para a difusão das representações sociais em outros domínios das Ciências Sociais. Contudo, reserva aos sociólogos e aos historiadores a tarefa de examinar os vínculos entre os movimentos recentes que vêm ocorrendo na sociedade e a história das representações sociais.

Ainda nessa primeira parte da obra, estão incluídos vários artigos que demonstram que as Representações Sociais constituem um campo de interação de várias áreas de estudo ou disciplinas de pesquisa, como: a **Psicanálise**, onde René **Kaës**, no capítulo 3, ressalta os principais traços com os quais a Psicanálise empresta estatuto à representação, as principais opções adotadas e os meios de investigação para explicar os objetos; a **Antropologia**, que situa as Representações Sociais em suas relações com a ideologia, os sistemas simbólicos e as atitudes sociais refletidas pelas mentalidades, que são trabalhadas por Dan **Sperber** no capítulo 4; a **Linguagem**, envolvendo a discussão do seu papel nos fenômenos representativos, analisados por **Harré** no capítulo 5; a **Lógica Natural**, apresentada por Jean-Blaise **Grize**, no capítulo 7, ao estudar o conhecimento do senso comum, da técnica e da ciência nas suas manifestações puramente discursivas, sendo a lógica natural capaz de ressaltar alguns aspectos que constituem as representações sociais; a **Sociologia e a Sociolingüística**, discutidas por Uli **Windisch** no capítulo 7, tentando melhor compreender o funcionamento do pensamento social.

Na segunda parte da obra, intitulada *As Representações Sociais em Psicologia Social*, o leitor terá acesso a uma abordagem cognitivo-estrutural das representações sociais e a conceitos centrais da psicologia social, presentes em cinco artigos.

No capítulo 8, *O estudo experimental das representações sociais*, Jean-Claude **Abric** expõe o debate crítico dirigido aos estudos experimentais em psicologia social e discute como as representações são organizadas e quais os fatores que determinam esta organização e sua eventual transformação. Para o autor, as pesquisas experimentais trazem duas grandes contribuições: provar que os comportamentos individuais ou de grupo são diretamente determinados

pelas representações elaboradas em e sobre a situação e o conjunto dos elementos que a constituem, e descrever e analisar os mecanismos e as funções das representações. Abric sinaliza a importância e a limitação das respostas trazidas pela abordagem experimental, pois é no campo que se elaboram, se vivem e se transformam as representações sociais.

No capítulo 9, *Estrutura e dinâmica das representações sociais*, Claude **Flament** apresenta as representações autônomas, que têm como lugar de coerência o núcleo central, entendido aqui como uma estrutura que organiza os elementos da representação e lhes dá sentido. Assim, uma representação comportaria esquemas periféricos, estruturalmente organizados por um núcleo central, que seria a própria identidade da representação. Para o autor, essa teoria ainda não desenvolveu todo o seu potencial heurístico.

Willem **Doise**, no capítulo 10, denominado *Atitudes e representações sociais*, faz uma incursão histórica nos estudos sobre a noção de atitude, para situar as pesquisas referentes às representações sociais. Segundo Doise, essa articulação possibilita dotar cada tradição das aquisições da outra, e torna mais completos os estudos sobre as atitudes, sempre que forem estudadas como representações sociais.

No capítulo 11, *Protótipos e representações sociais*, Gun R. **Semin** discute a complexidade e variedade dos tipos de abordagem que podem ser adotados para conceituar e examinar o modo pelo qual os seres humanos ordenam o mundo. Para tanto, se atém na abordagem psicossociológica, ou seja, na teoria das representações sociais, que enfatiza a natureza social da classificação e da categorização, e no modelo prototípico da psicologia cognitiva, realizando uma análise comparativa para apontar os méritos e fragilidades de cada uma das abordagens.

Finalizando a segunda parte, Miles **Hewstone**, no capítulo 12, *Representações sociais e causalidade*, realiza uma interlocução entre o estudo das atribuições e o estudo das representações sociais que, segundo o autor, percorreram caminhos independentes um do outro, embora ambos os estudos partam de um sistema das representações coletivas e orientem-se para o problema da causalidade. A partir de um ponto de vista diferente, Hewstone apresenta alguns pontos de interseção entre os estudos, por meio dos quais os dois campos de pesquisa podem e devem se integrar, ressaltando a natureza social da atribuição e a função explicativa das representações sociais.

A terceira e última parte da obra, permite ao leitor uma aproximação com a diversidade dos campos específicos de pesquisa e de aplicação da teoria das representações sociais, através de um conjunto de sete artigos.

François **Laplantine**, no capítulo 13, *Antropologia dos sistemas de representações da doença: sobre algumas pesquisas desenvolvidas na França contemporânea reexaminadas à luz de uma experiência brasileira*, demonstra como a religião da umbanda, no Brasil, com função essencialmente terapêutica, é capaz de agir na renovação de uma antropologia das representações sociais em geral e, em particular, de uma antropologia da doença. Para tanto, parte de uma noção de representação hoje empregada pelos antropólogos, e de abordagens metodológicas utilizadas em suas próprias pesquisas realizadas na França, que possibilitariam constituir uma antropologia das representações da doença.

No capítulo 14, *As representações sociais no campo dos psicólogos*, Augusto **Palmonari** e Bruna **Zani** apresentam um estudo sobre a profissionalização dos psicólogos, apoiado na noção-chave de representação social. Os autores desenvolvem a discussão a partir de duas questões centrais: a constituição das diversas representações sociais do trabalho do psicólogo diante da exigência social de fixar seu sentido e seu conteúdo na sociedade, e a construção das representações para tomadas de posição específicas a respeito do trabalho do psicólogo.

O estudo das representações sociais na infância é abordado no capítulo 15, *A representação social na infância*, onde Marie-Josée **Chombart de Lauwe** e Nelly **Feuerhahn** trazem dados complementares às pesquisas experimentais, ao relacionarem as representações da criança a suas práticas em situações reais, levando em conta seu estatuto nas estruturas da sociedade.

Willem **Doise** tem uma participação significativa no livro com três artigos, que apresentam suas reflexões sobre a temática em questão. Em seu terceiro artigo, denominado *Cognições e representações sociais: a abordagem genética*, no capítulo 16, o autor demonstra como o estudo das representações sociais em crianças constituiu um campo especial para o desenvolvimento de pesquisas que tenham como objeto a sociogênese de seus funcionamentos cognitivos, ou seja, como a atualização de princípios sociais organizadores cede lugar a um crescimento das competências cognitivas.

A contribuição apresentada por Michel **Gilly** no capítulo 17, traz um estudo sobre *As representações sociais no campo da educação*. Gilly discute: as relações entre representações sociais e discursos sobre a instituição educacional; representações sociais e relação pedagógica; representações sociais, significações das situações e aquisições.

No capítulo 18, *Representações sociais da economia: uma forma de conhecimento*, Pierre **Vergès** problematiza o paradoxo que coexiste entre as ciências econômicas e as representações sociais da economia. Logo, recupera os processos da produção social das ciências econômicas e das representações econômicas. Esse percurso o leva a um sistema que permite, segundo suas hipóteses, caracterizar as representações econômicas em sua diversidade: como campo recortado por uma prática científica; como conhecimentos práticos; produto de um funcionamento cognitivo; representações sociais estruturadas; uma forma de produção social determinada em múltiplos espaços.

Finalizando a obra, Bernard **Schiele** e Louise **Boucher** expõem, no capítulo 19, *A exposição científica: uma maneira de representar a ciência*, como o saber científico e a tecnologia são socializados, examinando os processos de difusão ao grande público no campo do social. A análise dos autores aborda as relações complexas entre as modalidades do vulgarizar e do representar, centradas nas estratégias de comunicação empregadas pela exposição.

A presente coletânea de textos, *As representações sociais*, reserva aos leitores reflexões de cunho epistemológico, num sobrevôo que mostra a apropriação da teoria das representações sociais pelos diferentes campos de pesquisa, bem como a sua aplicação prática no âmbito das ciências humanas e sociais. Sua amplitude e densidade demonstram o avanço realizado por esse campo de conhecimentos, que se propõe a analisar e compreender a produção do saber prático em sociedade. Analogamente, pode-se afirmar que a maneira como a obra é pensada, retrata o próprio movimento da teoria das representações sociais, num processo contínuo de produção social daquilo que é, em primeira instância, individual, através da interlocução entre áreas de conhecimentos distintas.

Essa contribuição teórica está posta, mas o seu mérito não se limita a apresentar uma ampla literatura sobre as representações sociais; instiga o leitor a desenvolver um novo olhar sobre as relações sociais e sobre como estas são pensadas e compreendidas pelas ciências sociais e humanas, ao se debruçarem sobre o pensamento construído por homens e mulheres comuns, no seu cotidiano.